

Objeto e fantasia inconsciente na psicanálise de Melanie Klein

Object and unconscious fantasy in Melanie Klein's psychoanalysis

Pedro Salem*

Resumo: O artigo busca explicitar alguns significados da noção de objeto na psicanálise de Melanie Klein enfatizando, sobretudo, suas relações com a de fantasias inconscientes. Examina ainda, a partir do texto kleiniano, algumas diferenças com relação à noção de objeto em Freud. Tece, por fim, considerações sobre o impacto e a influência que a noção de objeto kleiniana teve para a valorização do vínculo primitivo com o outro na psicanálise de forma geral.

Palavras-chave: Objeto. Fantasias inconscientes. Pulsão. Vínculo primitivo.

Abstract: *The article aims to describe some meanings of the object in Melanie Klein's psychoanalysis emphasizing, above all, its relations with the concept of unconscious fantasies. It also explores, from the Kleinian perspective, some differences with respect to the Freudian notion of object. Furthermore, it considers the impact and the influence that Klein's description of the object had in emphasizing the importance of the primitive bond in psychoanalysis.*

Keywords: *Object. Unconscious fantasies. Drive. Primitive bond.*

* Psicanalista, membro efetivo do CPRJ. Mestre e doutor em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ.

*Quando abrirem as portas
eu serei, enfim,
o meu único carcereiro.*
Mia Couto – Poemas Escolhidos

Em seu artigo *As Origens da Transferência* (1952), Melanie Klein afirma que, apesar de considerar que suas ideias a respeito da vida infantil “são uma continuação das descobertas de Freud”, acredita que o desenvolvimento de seu pensamento fez surgirem “divergências” em relação às concepções freudianas. Fundamentalmente, Klein declara distanciar-se de Freud ao considerar que “as relações se objeto são operantes desde o início da vida pós-natal” (KLEIN, 1952, p.74). Ou seja, opõe-se à descrição da pulsão como autoerótica e originalmente independente de vinculação objetal, sugerindo, inicialmente, que sua hipótese a respeito das relações de objeto “contradiz o conceito de Freud de que estágios autoeróticos e narcísicos excluem a possibilidade de uma relação de objeto” (idem). Klein salienta aqui um aspecto bastante característico de sua metapsicologia, a saber, a compreensão de que o autoerotismo e o narcisismo são, desde o início da vida, contemporâneos às primeiras relações com os objetos, sejam eles internos ou externos.

Entretanto, logo adiante, ainda nesse mesmo artigo, Melanie Klein nu-
nça a posição freudiana, lembrando que as afirmações de Freud “a esse res-
peito não são inequívocas”. Em vários contextos ele teria expresso, “explícita
e implicitamente, opiniões que sugeriam uma relação com um objeto, o seio
da mãe, *precedendo* o autoerotismo e o narcisismo” (idem). Nesse sentido,
portanto, Freud teria desenvolvido uma concepção mais próxima da pers-
pectiva teórica explorada por Klein, segundo a qual os objetos são tomados
como determinantes originários da subjetividade estando, desde o início, as-
sociados à vida pulsional do bebê.

De fato, a polissemia da noção de objeto em Freud e as múltiplas descrições
do modo como se relaciona com a pulsão são indicativos da complexidade do
tema em questão. Ao rever a posição freudiana a respeito da independência ob-
jetal da pulsão, Klein alarga o escopo de uma discussão amplamente debatida em
psicanálise e que, por inúmeras vezes, traduziu-se na polarização conceitual en-
tre a teoria pulsional e a das relações de objeto. Parecendo oscilar entre diferentes
leituras da obra de Freud, Klein serviu-se de suas concepções, ora para marcar
sua própria originalidade, ora para tomá-lo como um aliado para seus desenvol-
vimentos teóricos. Assim é que, ainda com relação à noção de objeto, Klein es-

clarece: “O uso que Freud faz do termo ‘objeto’ é [...] um tanto diferente do uso que faço, pois ele está se referindo ao objeto de um alvo pulsional, ao passo que eu tenho em mente, além disso, uma relação de objeto que envolve as emoções, fantasias, angústias e defesas do bebê” (idem).

Críticos atentos poderiam considerar esta afirmação de Melanie Klein como pouco precisa ou, ainda, incompleta. Com efeito, é possível afirmar que desenvolvimentos do pensamento freudiano fizeram com que a noção de objeto se ampliasse para além de um mero alvo da pulsão sexual. A introdução do conceito de narcisismo, de acordo com o qual o próprio ego se torna um objeto de investimento sexual, ou mesmo a compreensão da função do objeto na melancolia e sua associação ao conceito de identificação, complexificam a questão. Tais acréscimos teóricos são sugestivos de que a fenomenologia do objeto, até então pouco valorizada no pensamento de Freud em função da prevalência dos aspectos econômicos da pulsão, ganharam novas dimensões ao longo de sua obra.

Ainda assim, mesmo considerando que os sentidos da noção freudiana de objeto não sejam unívocos, é fato que Klein a desenvolveu de forma inédita, ampliando seu escopo e tornando-a um elemento central de sua teoria. Talvez, ainda mais do que na psicanálise freudiana, no conjunto da obra kleiniana o termo foi usado para denotar uma multiplicidade de fenômenos psíquicos diferentes. Por tal motivo, uma aproximação das principais teses psicanalíticas de Melanie Klein não pode se furtar à tentativa de compreender o valor e os sentidos da noção de objeto.

Sabe-se que amplitude conceitual e a importância teórica e clínica do objeto na psicanálise kleiniana exerceram uma forte influência sobre autores de diferentes correntes psicanalíticas. Mesmo não sendo considerada, propriamente, uma autora da teoria das relações de objeto, na medida em que nunca abandonou a forte referência à teoria pulsional – sobretudo pela irrestrita adesão ao conceito de pulsão de morte –, serviu-se da noção de objeto para descrever um campo que engloba experiências desde as mais primitivas, até as subjetivamente mais complexas, como aquelas relacionadas aos processos de sublimação e simbolização. É verdade, porém, que o pequeno apreço de Klein pelo detalhamento conceitual exaustivo dificulta a apreensão de suas ideias sem a irrupção de fortes tensões epistemológicas, como as envolvidas no problema do estatuto diferencial entre objeto externo e interno, suas considerações entre o fator “constitucional” ou “ambiental” no processo de constituição da subjetividade e na dinâmica do psiquismo ou, ainda, a atribuição de repre-

sentações, mesmo que muito rudimentares, às experiências precoces dos bebês. Contudo, sem a pretensão de aprofundar ou resolver tais tensões, o objetivo deste artigo é o de apresentar, em linhas gerais, alguns dos significados e pontos de fuga teóricos relacionados ao conceito kleiniano de objeto.

Uma primeira aproximação da ideia de objeto em Klein nos conduz, inequivocamente, à noção de objeto interno. Considerada uma autora que concedeu forte ênfase à dimensão intrapsíquica da subjetividade, Klein ocupou-se em descrever as vicissitudes e múltiplas dinâmicas implicadas nas relações do sujeito com seus objetos internos. Como anteriormente afirmado, para além de se constituir como alvo da pulsão – avaliado em sua capacidade de oferecer-se às experiências de satisfação – o objeto kleiniano, considerado a partir de qualidades e características singulares, possui função central na estruturação da subjetividade. Fortemente influenciada pelas noções de incorporação (Abraham) e introjeção (Ferenczi), a autora buscou definir a estreita relação entre os objetos internos e a constituição do psiquismo. De um modo geral, a própria noção de “mundo interno” é, no pensamento kleiniano, diretamente referida à capacidade de o sujeito internalizar objetos que possam conferir consistência ao ego e compor o tecido da vida subjetiva. Note-se como tal compreensão desloca uma descrição do objeto como alvo da satisfação pulsional, para outra na qual lhe é atribuída uma função estruturante, na medida em que é concebido como parte constituinte do ego.

Os esforços para compreender a noção kleiniana de objeto seriam melhor recompensados se sua ampla ligação com outros elementos do pensamento de Melanie Klein pudessem ser devidamente explicitados. Tal noção se associa, de modo estreito, a inúmeros elementos de sua teoria, como o papel que a psicanalista atribui à dualidade pulsional no psiquismo; o pressuposto de um ego presente desde os primórdios da vida e implicado na constituição de defesas ativas visando à atenuação dos efeitos das angústias infantis; a constituição da subjetividade como sendo organizada em torno de duas posições psíquicas e, por fim, sua hipótese a respeito da existência de fantasias inconscientes. Como o tema é amplo e, conforme indicado, cobre quase toda a extensão dos conceitos e ideias kleinianas, optamos por restringir nosso interesse ao estabelecimento e ao exame de algumas relações entre a noção de objeto e a de fantasias inconscientes.

O fato de que objetos internos e fantasias inconscientes constituem noções que não podem ser compreendidas separadamente no pensamento de Melanie Klein justifica a abordagem proposta. Nos escritos desta autora, am-

bos fazem parte de um mesmo conjunto de experiências psíquicas e chegam, nesse sentido, a serem muitas vezes tratados como termos análogos (BRONSTEIN, 2007).¹ Para Melanie Klein, não existem experiências psíquicas que não estejam imbricadas – valoradas, poderíamos arriscar dizer – com a dimensão das fantasias inconscientes.

De um modo geral, Melanie Klein define tais fantasias como correlatos subjetivos das pulsões; seus primeiros representantes psíquicos. Elas compõem uma espécie de dimensão subjetiva de processos psicofísicos, constituindo o conteúdo básico da vida mental. A relação entre objetos e fantasias inconscientes existe, portanto, desde o nascimento, bem como os processos ativos de cisão, projeção e introjeção que, da perspectiva kleiniana, constituem aspectos centrais da dinâmica das relações de objeto e da formação de instâncias psíquicas como, por exemplo, o superego. Para Klein, o superego, sendo constituído a partir da introjeção dos objetos parentais revestidos de uma qualidade persecutória originária da própria agressividade do bebê, ilustra a relação inelutável entre os objetos internos, as fantasias inconscientes e os mecanismos de introjeção e projeção.

Paralelamente à cisão – tanto dos objetos quanto do próprio ego – Klein encontra, nos processos de introjeção e projeção, importantes aliados defensivos capazes de permitir ao ego lidar com as angústias primitivas. Ao preservar as experiências de satisfação e evitar as de desprazer, tais mecanismos compõem os principais elementos responsáveis, tanto pela defesa do ego contra as angústias psicóticas, quanto pela própria estruturação e constituição da subjetividade. Os objetos, ao serem cindidos, projetados, introjetados (ou mesmo negados, idealizados, reparados, etc.) representam a própria relação dinâmica do sujeito com o ambiente. E, na medida em que as defesas egoicas atuam com o objetivo de proteger o ego de forças pulsionais ameaçadoras, aniquilando-as ou negando-as por meio da cisão, é também “uma relação de objeto que sofre esse destino” (KLEIN, 1946, p. 26).

Para Klein, nada do que o sujeito experimenta em sua atividade psíquica ou somática escapa à associação com fantasias inconscientes, sendo estas uma

¹ A esse respeito, note-se a seguinte citação: “O bebê, tendo incorporado seus pais, sente como se eles fossem pessoas vivas dentro de seu corpo, da mesma maneira com que *profundas fantasias inconscientes são vividas – na sua mente, eles são ‘objetos internos’*, como passei a chamá-los. Assim se constrói um mundo interior na mente inconsciente da criança...” (KLEIN, 1940, p.388, grifos nossos).

espécie de tradução psíquica – mesmo que muito rudimentar ou primitiva – de experiências cujo escopo engloba tanto a dimensão pré-verbal, quanto sua qualidade representacional e simbólica. Diferentemente da fantasia freudiana, que aponta para representações conscientes e pré-conscientes distorcidas pelo processo de recalque, a fantasia kleiniana não deriva de uma associação compulsória com o recalque, ainda que possa estar submetida a esse processo defensivo. Como sinaliza Figueiredo (2009), se bem que as fantasias inconscientes possam adquirir a forma de crenças que venham a ser recalçadas, não está aí a ênfase da conceituação de Klein. Ela está, antes, em sua participação no amplo conjunto de experiências somatopsíquicas do sujeito, o que comporta uma dimensão imaginativa e criativa fundamentais. O brincar, conforme definido por Klein, ilustra a associação entre relações objetais e fantasias inconscientes. Sua experiência clínica com crianças levou-a a notar que, mais do que orientados pela experiência de satisfação, os objetos representados na brincadeira infantil eram amados, odiados, fonte de segurança, ameaça, sadismo, etc. Enfim, faziam parte de um complexo tecido de fantasias, que conferiam aos objetos um conteúdo simbólico a ser desvendado e comunicado à criança, com o objetivo de alterar sua condição sintomática.

Em suma, no sistema kleiniano de pensamento, a rigor, não há experiência desvinculada de fantasias inconscientes. Na medida em que qualificam e conferem sentido e valor afetivo a tudo que acomete o sujeito, as fantasias alteram de modo inequívoco sua percepção e sua relação com o mundo (externo e interno). Segundo Klein, na medida em que os objetos são introjetados, “os acontecimentos, as pessoas, as coisas e as situações – tudo aquilo que dá forma ao mundo interno em construção – tornam-se inacessíveis à observação e juízo preciso da criança, não podendo ser verificados pelos meios de percepção disponíveis em relação ao mundo tangível dos objetos” (KLEIN, 1940, p. 389). Tal incapacidade ontológica de acessar a qualidade “objetiva” ou “externa” dos objetos é função direta do papel fundamental conferido às fantasias inconscientes. Entretanto, e apesar as dificuldades epistemológicas que não poderemos aqui aprofundar, isso não significa que Klein desqualifique o valor dos objetos externos na dinâmica subjetiva. São estes que, ainda que revestidos de sentido pelas fantasias inconscientes, serão responsáveis pela modulação e transformação das mesmas.

Em outros termos, Klein atribui à relação com os objetos externos a propriedade de impor limites à atividade de fantasia do sujeito, contrarian-

do ou corroborando sua atividade projetiva. E, mais do que isso, ela reconhece a porosidade do psiquismo à influência dos objetos externos como uma espécie de critério de saúde. Segundo Klein, “a mãe visível continuamente oferece provas de como é a mãe ‘interna’: amorosa ou ríspida, prestativa ou vingativa. Até que ponto a realidade externa pode refutar as angústias e o sofrimento relacionado à realidade interna varia de indivíduo para indivíduo, mas esse fator pode ser tomado como um dos seus critérios de normalidade” (KLEIN, 1940, p. 389). Mezan (1988), procurando evitar a perspectiva radicalmente intrapsíquica, solipsista e mesmo “idealista”, comumente atribuídas, criticamente, a Klein em função da “deformação” unilateral que as fantasias operariam nos objetos externos por meio de projeções, sugere pensar nas realidades interior e exterior como constituídas de modo paralelo e simultâneo. Trata-se, segundo o autor, de compreender como Klein “recorre a uma elaborada descrição do modo pelo qual os diferentes aspectos da vida interna se integram ao mesmo tempo e pelos mesmos mecanismos através dos quais a realidade dita ‘externa’ vem a fazer sentido para a psique infantil” (MEZAN, 1988, p.204).

Ao sentir fome, por exemplo, o bebê vivencia, simultaneamente, as dimensões psíquica e somática desta experiência. Seu desconforto somático sofre uma espécie de tradução psíquica imediata, a partir do estabelecimento de uma conexão entre a experiência, um objeto e um campo de fantasias inconscientes. Segundo Klein, “os sentimentos persecutórios a partir de fontes internas são intensificados por experiências externas dolorosas, pois, desde os primeiros dias, a frustração e o desconforto despertam no bebê o sentimento de que está sendo atacado por forças hostis” (KLEIN, 1952, p.72). Nesse sentido, ainda incapaz de representar a ausência do seio que frustra sua satisfação, o bebê preenche a falta da mãe com a fantasia inconsciente de um objeto causa de seu desprazer. Em outros termos, para o bebê não há objeto ausente no início de sua vida psíquica, mas um objeto “mau” – posto causa de dor e desprazer; alvo da projeção de seu sadismo e destrutividade – que se presentifica, ameaçando sua integridade egoica e obrigando-o a constituir defesas ativas contra a angústia daí derivada. Sua vivência de fome é, portanto, experimentada por meio da vinculação às fantasias inconscientes, que atribuem ao objeto tomado como a origem do desprazer, a capacidade de ameaçar sua ainda frágil integridade.

Note-se como, nesse caso, o objeto interno prescinde de um suporte material. Ele é tão somente uma espécie de tradução psíquica de uma sen-

sação corpórea de desprazer, que se materializa na relação com um objeto persecutório e ameaçador. E ainda que os objetos internos possam possuir seus “duplos” na realidade, já que podem manter a vinculação a objetos externos (KLEIN, 1940, p. 389), Klein salienta como, em última instância, todo objeto interno é revestido de valor, sentido e conteúdo mental a partir de sua relação com as fantasias inconscientes. Retomando sua crítica a respeito de um estágio autoerótico independente das relações de objeto, ela corrobora:

A hipótese de que um estágio que se estende por vários meses precede as relações de objeto implica que, exceto para a libido ligada ao próprio corpo do bebê, os impulsos, fantasias, angústias e defesas ou não estão presentes no bebê ou não estão relacionados a um objeto, ou seja, elas operariam *in vacuo*. A análise de crianças muito pequenas ensinou-me que *não existe urgência pulsional, situações de angústia, processo mental que não envolva objeto*, externo ou interno; em outras palavras, *as relações de objeto estão no centro da vida emocional*. (KLEIN, 1956, p.74-75, grifo nosso).

Segundo Ogden (2004), o pensamento kleiniano sobre a relação entre o objeto e as fantasias inconscientes leva-nos a compreender que, para o bebê, não há separação inicial entre corpo e mente. Tal distinção será operacionalizada posteriormente, a partir do desenvolvimento de sua capacidade simbólica que, para Klein, é correlata ao funcionamento baseado na posição depressiva. Paralelamente, será a partir da configuração subjetiva implicada na posição depressiva que o bebê adquirirá habilidades que o permitam representar a ausência do objeto, abandonando, progressivamente, o expediente projetivo como modo privilegiado para lidar com as experiências de desprazer.

Inicialmente, no entanto, a criança seria predisposta a atribuir sentido à sua experiência com base em modos inatos de organização de sua percepção, fornecidos pela dinâmica entre as pulsões de vida e de morte. Ou seja, sugere Ogden, sob maior influência da pulsão de morte, as experiências tenderiam a ser significadas de modo mais persecutório, perigoso ou agressivo. Por outro lado, sob maior influência da pulsão de vida, a vivências do bebê tenderiam a ser interpretadas em termos de segurança, proteção e amor, por exemplo. Ainda assim, por maiores que venham a ser as capacidades simbólicas de um sujeito, suas fantasias inconscientes jamais se desvinculam da

conexão com a corporeidade, assumindo uma espécie de função mediadora bidirecional entre o corpo e o psiquismo constituindo, dessa forma, a principal unidade da vida somatopsíquica (FIGUEIREDO, 2009).²

Melanie Klein atribui ao ego arcaico a tarefa de lidar com as angústias infantis, sejam elas de cunho paranoide ou depressivas. Paralelamente às primeiras vivências de desprazer somático, o bebê é, desde o início da vida, acometido por intensas forças pulsionais que ameaçam o organismo, experimentando um medo de aniquilamento (morte) que se manifesta como fantasia persecutória. Da mesma como anteriormente assinalado, aí também os objetos assumem função central. Ela afirma:

Considero que a angústia surge da operação da pulsão de morte dentro do organismo, é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de medo de perseguição. O medo do impulso destrutivo *parece ligar-se imediatamente a um objeto*, ou melhor, é vivenciado como medo de um incontrolável objeto dominador. (KLEIN, 1946, p.24, grifo nosso).

Note-se como as duas principais fontes de angústia primitiva sinalizadas por Melanie Klein – os efeitos da pulsão de morte no organismo e a frustração pela privação de fontes de satisfação no ambiente –, implicam relações objetais e levam o ego a ter que se defender, atuando sobre o objeto persecutório e, conseqüentemente, sobre a relação que estabelece com o mesmo. O processo de separação das qualidades “boas” e “más” dos objetos (parciais) daí decorrente, implica, segundo ela, em “certa cisão ativa do próprio ego” (idem). Em suas palavras: “acredito que o ego é incapaz de cindir o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma cisão correspondente dentro dele” (KLEIN, 1946, p. 25). Aqui, como já assinalado anteriormente, mais do que um suporte para a satisfação pulsional, os objetos se confundem com o ego na medida em que este sofre dos mesmos efeitos implicados nos processos defensivos direcionados aos primeiros.

² Figueiredo sugere que as fantasias inconscientes possuem uma *condição paradoxal* e uma *condição híbrida*. Sua condição paradoxal deriva do fato de que, mesmo sendo “inconscientes” e ligadas ao processo primário, se projetam para o campo do sentido e da simbolização estando sujeitas, portanto, às condições de funcionamento do processo secundário. Já sua condição híbrida se dá justamente pela relação que as fantasias estabelecem entre os mundos interno e externo. Nesse contexto, Figueiredo sugere que o pensamento objetivo não se desenvolve *contra* a fantasia inconsciente, mas *a partir* dela e de suas antecipações de sentido.

Por fim, ainda que escape aos objetivos inicialmente propostos nesse artigo, gostaríamos de tecer algumas breves considerações sobre o que entendemos ser um dos valores centrais da noção de objeto elaborada por Melanie Klein. Acreditamos que, ainda que a tradicional e hoje tão combatida polarização entre a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto seja posterior a seus escritos, algumas ideias de Melanie Klein oferecem elementos que permitem ver a falácia presente no contraste radical entre tais posições metapsicológicas. Mesmo tendo outorgado uma forte ênfase à sexualidade infantil e, como já afirmado, à vida pulsional, sua noção de objeto permite ir além da perspectiva que reduz a relação com o outro a um mero suporte para a satisfação sexual. Acompanhemos uma valiosa citação de seu último artigo de grande envergadura teórica, *Inveja e Gratidão* (1957):

O bebê só pode sentir satisfação completa se a capacidade de amar é suficientemente desenvolvida; e é a satisfação que forma a base da gratidão. Freud descreveu o êxtase do bebê na amamentação como o *protótipo da gratificação sexual*. A meu ver, essas experiências constituem não apenas a base da gratificação sexual mas também de toda felicidade subsequente, e tornam possível o *sentimento de unidade com outra pessoa [...], o que é essencial para toda relação amorosa ou amizade felizes*. Em condições as mais favoráveis, tal compreensão não necessita de palavras para expressá-la, o que demonstra sua derivação da *intimidade mais inicial com a mãe*, no estágio pré-verbal. A capacidade de fruir plenamente a primeira relação com o seio forma a base para sentir prazer proveniente de diversas fontes. (KLEIN, 1957, p. 219-220, grifo nosso).

Reparem como Melanie Klein opõe-se a Freud para legitimar uma modalidade afetiva presente na interação com o outro, que não se reduz ao “*protótipo da gratificação sexual*”, e que opta por descrever como a “*intimidade mais inicial com a mãe*”. Ao mesmo tempo, atribui a esse tipo de satisfação a capacidade de tornar “*possível o sentimento de unidade com outra pessoa*”. Sem desmerecer o valor da sexualidade, parece criticar uma concepção meramente quantitativa da vida afetiva. Klein distancia-se aqui da perspectiva segundo a qual os afetos consistiriam em elementos secundários à variação econômica da energia libidinal, cuja qualidade seria conferida somente a partir da possibilidade ulterior de representação. Ainda que consideremos as variadas tensões e oscilações da obra freudiana que possam atenuar as críticas kleinianas, importa aqui reconhecer a abertura que sua perspectiva teórica operou sobre as des-

crições da complexidade dos primeiros vínculos com o outro e, paralelamente, a enorme influência que exerceu sobre autores que se ocuparam – e ainda se ocupam – em examinar as vicissitudes da ligação afetiva inicial com o meio e suas repercussões para a clínica psicanalítica. O leitor poderá reconhecer, aqui, a inspiração para toda uma gama de psicanalistas que dirigiram seus esforços para desvendar aspectos envolvidos nas experiências de *mutualidade e intimidade* com o outro, bem como para a busca por modelos de intervenção psicanalítica que iluminassem as dificuldades encontradas na clínica, sobretudo aquela dos pacientes não-neuróticos.³ Entendemos, portanto, que os principais elementos da compreensão kleiniana da vida afetiva e a legitimação de modos de interação com o outro irredutíveis ao modelo da gratificação sexual estão diretamente associados às inúmeras facetas implicadas na descrição da noção de objeto efetuada por Melanie Klein.

Pedro Salem

pedrosalem@terra.com.br

Referências

BRONSTEIN, C (Ed.). What are internal objects? In: _____. *Kleinian theory: a contemporary perspective*. London: Whurr Publishers, 2007.

CINTRA, E. M.; FIGUEIREDO, L.C. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

FIGUEIREDO, L.C. A Clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein. In: _____. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2009.

KLEIN, M. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: _____. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas de Melanie Klein, v.1).

³ Sobre os significados e a importância teórico-clínica das noções de mutualidade e intimidade na psicanálise, sugiro ao leitor o competente livro de Lejarra (2015). Mesmo partindo de um recorte teórico diferente daquele aqui priorizado, o livro traz elementos fundamentais para a compreensão da importância psicanalítica das noções acima citadas.

_____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Imago: Rio de Janeiro, 2006. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

_____. (1952). As origens da transferência. In: _____. _____. Imago: Rio de Janeiro, 2006. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3)

_____. (1957). Inveja e gratidão. In: _____. _____. Imago: Rio de Janeiro, 2006. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

LEJARRAGA, A.L. *Sexualidade infantil e intimidade: diálogos winnicottianos*. Rio de Janeiro, Garamond, 2015.

MEZAN, R. Visitando a velha senhora. In: PETOT, J-M. *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto – 1932-1960*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

OGDEN, T. *The matrix of the mind: object relations and the psychoanalytic dialogue*. New Jersey: Jason Aronson, 2004.